
CURRÍCULO ESCOLAR QUILOMBOLA E OS SABERES ANCESTRAIS DE DONA ENEDINA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Naita Aparecida Nunes de Lima

Quilombola do Barreiro Grande/Ba, membra do Coletivo Marilene Matos, Ativista Quilombola-CRQ. Mestranda em Antropologia Social (UNICAMP), especialista em Educação do Campo e Pedagoga (UNEB).

Resumo

Este estudo tem como objetivo evidenciar os saberes ancestrais a partir da trajetória de vida da mulher quilombola, parteira e líder espiritual, Enedina Souza de Jesus, como possibilidade rica para a construção do currículo escolar quilombola, conectado aos saberes ancestrais que emergem e são praticados nos territórios quilombolas. O estudo é recorte fruto de uma pesquisa de cunho qualitativo, realizada inicialmente em 2018 e concluída em 2021, tendo como instrumento de coleta de informações as entrevistas narrativas. As análises dos dados ocorreram por meio da análise antropológica interpretativa. Os saberes ancestrais que emergem na trajetória de vida de dona Enedina é fio condutor deste estudo para pensar o currículo escolar quilombola, as narrativas foram complementadas pela perspectiva de outras três mulheres, que em seus relatos revelam a importância de dona Enedina, que é percebida e recuperada na comunidade, por meio das memórias, dessas mulheres em sua experiência de vida.

Palavras-chave: Saberes ancestrais. Vó Enedina. Currículo. Educação quilombola

Introdução

A educação *quilombola* compreende a educação que vivencia fora dos espaços escolares, a educação cotidiana do quilombo, do seu jeito peculiar de ensinar, dos saberes, costumes, modos de vida e fazeres tecidos a partir das vivências e experiências socioculturais da comunidade (Souza, 2015). Na trajetória de luta por uma educação diferenciada, a população negra/quilombola requer a conexão entre seus saberes, costumes e fazeres com o currículo da educação escolar, de modo que os seus saberes, culturas e identidades dialoguem com os conhecimentos escolares. A invisibilidade dos saberes, cultura e ancestralidade africana na escola são pautas de lutas do movimento negro quilombola levadas para conferências nacionais e estaduais de educação em nosso país.

Resultantes deste processo, atualmente existem algumas importantes políticas conquistadas, como a Lei 10.639 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas públicas e privadas, e potentemente tivemos como um ganho político a inclusão da Educação Escolar Quilombola como modalidade de ensino da Educação Básica, deliberado na Conferência Nacional de Educação (CONAE), em 2010 e são marcos referenciais. A nível nacional a Resolução nº 8, de novembro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ) e no âmbito estadual, vigora na Bahia a resolução Nº 68 de 30 de Julho de 2013, que estabelece normas complementares para implementação e funcionamento das diretrizes para educação escolar quilombola. As diretrizes reconhecem a inserção dos saberes, história e cultura quilombola na educação escolar.

Apesar dessas conquistas, é importante ressaltar que na prática nem sempre estas se efetivam, pois ainda são tímidos os direcionamentos feitos pelos órgãos responsáveis pela efetivação de políticas educacionais para a população quilombola. As escolas quilombolas possuem diversos problemas que precisam ser superados, um deles é a orientação curricular que desconsidera os saberes das comunidades.

Santos (2019) na sua dissertação de mestrado intitulada “Pedagogias Quilombolas como Possibilidade de Transgressão Curricular” ao debater o currículo escolar

quilombola dispõe que, os saberes, costumes, modos de vida das comunidades quilombolas estão distantes dos currículos formais das escolas quilombolas, suscitando a necessidade de repensar possibilidade educativas que reflitam as demandas das comunidades.

Macedo (2015), em sua tese intitulada “Educação em comunidades Quilombolas do Território de Identidade Velho Chico/BA” pontua que, a educação escolar ainda se encontra distante de uma educação que contemple as peculiaridades dos/as educandos. Os currículos não condizem com o universo sócio histórico e cultural do grupo social.

Ao iniciar um estudo em 2018 sobre os saberes tradicionais quilombolas, durante um curso de formação continuada para professores quilombolas em Bom Jesus da Lapa, curso desenvolvido e articulado pelo movimento quilombola em parceria com Coletivo Marilene Matos e pelas universidades (UNEB, UFOB, UFRB), evidenciei na pesquisa a necessidade de materializar essas e outras histórias. A partir dos estudos, identifiquei algumas lacunas que permeiam esta temática e possibilidades de diálogo no debate acadêmico que não puderam, naquele momento, ser muito exploradas, sendo uma delas a relevância desses saberes, haja vista que são grupos e temas silenciados na educação e cultura brasileira.

Logo, em 2021 dei continuidade ao estudo que culminou em um trabalho monográfico de conclusão de curso da graduação em pedagogia, concluído em 2021 na UNEB, campus XVII. Escolhi pesquisar a trajetória da minha avó, Enedina Souza de Jesus, que é uma parteira e líder espiritual do Quilombo Barreiro Grande, compreendendo que os seus conhecimentos são de grande relevância para a Educação Escolar quilombola. O estudo apresentado no trabalho monográfico sob o título “Saberes Ancestrais e Educação: a trajetória de dona Enedina e o currículo escolar quilombola” teve como objetivo geral compreender a relevância dos saberes ancestrais a partir da trajetória de vida de vó Enedina na construção do currículo escolar quilombola. Nesse sentido, apresento aos leitores um recorte da pesquisa no qual proponho evidenciar os saberes ancestrais que emergem na sua trajetória, dialogando com uma proposta de currículo para Educação Escolar Quilombola.

Para o desenvolvimento da pesquisa debruçamo-nos sobre os princípios da abordagem qualitativa, que possibilitou a compreensão e entendimento dos significados da problemática apresentada “relevância dos saberes ancestrais a partir da trajetória de vida de dona Enedina na construção do currículo escolar quilombola”. De acordo com

Creswell (2021) a abordagem qualitativa está direcionada à exploração e entendimento dos significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. Para alcançar os aspectos centrais objetivados do estudo, dentre os desenhos de pesquisas qualitativas estudados recorri a pesquisa narrativa, que melhor corresponde a problemática pesquisada. Creswell (2021) dispõe que a pesquisa narrativa estuda as vidas dos indivíduos e pede um ou mais que conte sua história, as informações são recontadas ou reconstruídas pelo pesquisador.

Através das narrativas, estudamos a trajetória de vida de vó Enedina, ouvindo e analisando mulheres que experienciaram suas práticas de cura, de parteira e rezas, que ampliaram aspectos históricos da vida de vó Enedina, que temos como fio condutor desse estudo para pensar o currículo escolar quilombola. Posteriormente foi realizada análise interpretativa dos dados (Geertz, 1978).

Considerações sobre Currículo Escolar Quilombola

As comunidades quilombolas representam espaços de lutas e resistências de um povo herdeiro da riqueza cultural da ancestralidade africana, que apesar das ausências e invisibilidades provocadas pelo racismo estrutural, seguem reexistindo as opressões sofridas. Como herdeiros de um legado cultural ancestral, as comunidades nos seus modos de viver, saber e fazer vem ressignificando suas existências. São diversas frentes de luta, das quais a educação é uma das suas demandas. A conexão dos saberes e fazeres que estruturam os modos de vida nas comunidades e os conhecimentos escolares são uma das reivindicações dessas comunidades. As reivindicações apresentadas/representadas através do movimento quilombola foram transformadas em políticas educacionais, para que a população quilombola, como produtora de culturas e saberes, tivesse o direito de ter diretrizes curriculares para a educação nas comunidades, como horizonte/caminho da construção dos currículos das escolas.

Assim, as diretrizes enfatizam que o currículo se insere como elemento primordial para práticas e vivências cotidianas da comunidade e que devem ser alimentadas na escola, constituem-se por tempos e espaços,

Art. 34 O currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas

atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades. § 1º Os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir dos valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definidos nos projetos político-pedagógicos. § 2º O currículo deve considerar, na sua organização e prática, os contextos socioculturais, regionais e territoriais das comunidades quilombolas em seus projetos de Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012, p. 13).

Diante do exposto, a proposta de currículo escolar quilombola expressada nas diretrizes, objetiva que os saberes ancestrais locais, práticas culturais e organização social sejam articuladas com os saberes científicos escolares.

Souza (2015, p. 13) contextualiza que: “para que tais escolas pensem seus currículos à luz da experiência quilombola, é necessário que conheçam suas histórias, seus conhecimentos, sua visão de mundo, sua maneira de educar e de garantir sua resistência física e cultural.”. Nesse sentido, é primordial o processo de escuta das comunidades, buscando compreender quais conhecimentos interessam a comunidade.

As DCEENQ (2012), orientam que o currículo escolar quilombola, seja aberto e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento construído pelas comunidades, bem como, que os projetos políticos pedagógicos considerem os aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e identitários das comunidades.

As diretrizes são marcos referenciais importantes para orientar a construção de currículos das escolas quilombolas, haja vista que a universalização de políticas educacionais, distancia os saberes, lutas e conquistas coletivas das comunidades da escola.

Conforme dito por Santos (2019), as políticas de estado ao universalizar a educação nas orientações curriculares na perspectiva eurocêntrica, distância e extingue os saberes produzidos pelas comunidades locais as percepções de mundo que direcionam as escolas, desvalorizam as lutas históricas das comunidades quilombolas, apresentam-nas apenas como reduto de escravos fugidos, isolados e pobres construindo estereótipos inferiorizados sobre elas. Estas visões cristalizadas têm silenciado culturas, vozes trajetórias de lutas e resistência das comunidades nos currículos formais, sendo assim necessário pensar possibilidades educativas que ecoem suas vozes, culturas e identidades,

bem como, desconstruir estereótipos, romper com o silenciamento e protagonizar lutas, trajetórias e resistência dessas comunidades.

Essas questões nos remetem, ao que vem propondo Gilvânia Silva (2011),

algumas perguntas precisam ser feitas para que possamos caminhar rumo a construção de indicadores que possibilitam de forma mais inclusiva tratar da história e cultura desses grupos que até então não foram entendidos e retratados de forma a positivar a sua presença no Brasil, seus saberes, seus modos de viver, de ver e organizar, nem foram reconhecidas as inúmeras contribuições no processo de formação do povo brasileiro nos mais diversos campos variados: educação, saúde, música, culinária, esporte, modelos de organizar, tecnologias e tantas outras (p.4) .

Com essa proposta Silva (2011), nos provoca a repensar que tipos de ações devem ser construídas na procura de um currículo escolar que represente de forma positiva a vida das comunidades quilombolas, suas práticas culturais e modos de organização. Sendo assim, a educação escolar quilombola carece seguir uma proposta política de currículo, construída com a participação coletiva, com os quilombolas para os quilombolas.

Para Silva (2011), ao refletir um currículo escolar quilombola, se faz essencial afirmar a identidade e cultura quilombola como são e abranger que esses elementos devem ser materializados em conteúdos escolares, com concordância e diálogo com as comunidades.

Dona Enedina: uma ancestral presente

Givânia Silva (2020), tem nos ditos que com as mulheres quilombolas estão registrados os conhecimentos ancestrais guardados e perpassando às suas gerações. Vó Enedina é uma dessas mulheres quilombolas, biblioteca viva, reconhecida no meio em que vive como guardiã, que detém conhecimentos ancestrais que perpassam uma cadeia geracional, herdeira de sabedorias ancestrais, que envolvem saberes do parto, rezas e conhecimento de plantas medicinais.

É no território de identidade Velho Chico, no quilombo Barreiro Grande, situado no Município de Serra do Ramalho, que vive e resiste Enedina Souza de Jesus, com muito amor e afeto eu chamo de “vó Nedina” nascida em 20/12/1937, vó é mãe de seis filhos/as, viúva, parteira aposentada, liderança espiritual, estima-se que há mais de 50 anos vive no Quilombo Barreiro Grande - BA. Como parteira nos relata que não há mais os registros da quantidade de partos que realizou. No quilombo Barreiro Grande é nominada, como

sinônimo de respeito, de “mãe Nedina”, pelo papel social exercido enquanto parteira que contribuiu com a saúde coletiva da comunidade. Na ausência de atendimento da medicina convencional foi ela, através de sua experiência tradicional ancestral, que promoveu o atendimento ao cuidado da saúde gestacional de mulheres quilombola na comunidade em que vive, além dos conhecimentos afro-religioso da mediunidade.

Os saberes e práticas de parteiras e as experiências enquanto líder espiritual são elementos marcadores da identidade cultural de vó Enedina. É possível evidenciar a partir da escuta da memória individual e coletiva da comunidade, sobretudo ao escutar, no desenvolvimento do estudo, as mulheres quilombolas que experienciaram as práticas de cuidado durante suas experiências gestacionais. Os saberes ancestrais da trajetória de vó Enedina reverberam uma práxis educativa que muito tem a ensinar aos currículos escolares quilombola como veremos a seguir.

Práxis educativa que com saberes ancestrais de vó Enedina têm a ensinar o currículo escolar quilombola

Serafim (2020, p.153) enfatiza que “os mais velhos nos quilombos apresentam um repertório cheio de saberes, que podem e devem reverberar nas escolas quilombolas”. Nessa direção, a trajetória de dona Enedina apresenta um repertório rico de saberes a se reverberar nos currículos vividos no chão das escolas quilombolas. Conhecimentos sobre o parto, rezas, bênçãos, uso de plantas medicinais para a manutenção da saúde e cura de enfermidades, são conhecimentos ancestrais que compõem a trajetória de vó Enedina. Ao encontro de Souza (2015), evidenciamos que a “experiência de vida de dona Enedina nos remete a alguns princípios da educação escolar quilombola como o respeito à diversidade religiosa, valorização das ações de cooperação, solidariedade presente em sua trajetória de vida”

Iniciaremos destacando os saberes e experiência da arte ancestral das parteiras, ofício exercido por vó Enedina, um saber que envolve conhecimento do corpo físico e dimensões espirituais. As narrativas de vó Enedina, bem como das demais participantes da pesquisa, expressam que o conhecimento não se reduz ao saber do parto, confluí-se no conhecimento de ervas medicinais no cuidado da saúde das mulheres e crianças. Costa (2015) discorre sobre a importância de se perpetuar os saberes tradicionais das parteiras, a escola precisa abordar a questão do parto e a existência das parteiras nas comunidades,

haja vista que é relevante esse ofício, que ao longo do tempo foi o socorro de mulheres grávidas nas comunidades.

Rocha (2019, p.96) defende que: “a escola deve demonstrar seu interesse pelo conhecimento do passado e pela necessidade desse conhecimento, com objetivos, de compartilhar esses conhecimentos da cultura ancestral com crianças do presente, transmitindo a elas saberes e costumes desenvolvidos e compartilhados entre gerações anteriores da comunidade local onde a escola está inserida”. Há uma multiplicidade de saberes ancestrais como os de vó Enedina que se coadunam com as comunidades, porém é sabido que, com o processo de transformação de nossa sociedade, em relação a continuidade desses saberes vem se modificando. Valorizar esses saberes e conhecimentos próprios na escola é uma maneira de preservar a identidade histórica das comunidades e ressignificá-las.

Outro aspecto apontado como um saber da experiência de vó Enedina, é o conhecimento acerca de remédios caseiros para cura de enfermidades, como afirma a interlocutora Sabina: “A experiência dela [dona Enedina], não é só como parteira não, se a gente chegar lá sentindo qualquer coisa e pedir orientação para um remédio, ela passa”. O conhecimento de vó Enedina acerca das práticas de curas através de plantas medicinais, é enfatizado nas narrativas de todas as mulheres que participaram da pesquisa.

Souza (2015), destaca que os saberes e práticas relacionados à manutenção da saúde e cura de doenças, conhecimentos sobre remédios caseiros, manipulação de energias ou conhecimentos espirituais, são possibilidades de diálogo dentro e fora do contexto escolar. Uma educação escolar que respeita e valoriza os saberes ancestrais, precisa reconhecer que a comunidade possui sabedoria e seus conhecimentos devem ser valorizados e mediados no chão das escolas.

A religiosidade de matriz africana é um dos elementos que marcam a trajetória de vó Enedina. Suas narrativas à respeito das suas experiências religiosas, como líder espiritual umbandista, denuncia a violência simbólica e ameaças à sua integridade física, praticados pelo racismo religioso. Os estigmas de feitiçaria, a intolerância religiosa e o racismo religioso são mecanismo utilizados para silenciar as culturas e saberes ancestrais. É notório o desconhecimento dos valores culturais das religiões de matriz africana, a valorização da diversidade religiosa é um princípio educativo da educação quilombola.

Silenciar a história dos valores culturais da religião africana, se insere como um perigo para compreensão da riqueza cultural dessas religiões.

Chimamanda Adichie (2019), nos alerta para o fato de que nosso conhecimento é construído pelas histórias que escutamos, e, quanto maior o número de narrativas, mais completa será nossa compreensão sobre determinado assunto. O silenciamento das histórias das religiões de matriz africana, como a praticada por vó Enedina, produz estereótipos, calúnias, despedaçam dignidades, e “o problemas com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” (Adichie, 2019). É de suma importância o conhecimento da história e valores culturais das religiões de matriz africana serem alimentadas nos currículos das escolas.

A Lei 10.639/2003 determina o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nos sistemas de ensino da educação pública e privada, entre as orientações descritas está o ensino sobre diversidade religiosa e valorização das heranças culturais africanas. A ancestralidade africana forma a identidade cultural das comunidades quilombolas, pensar na proposta de currículo requer alimentar essa ancestralidade na educação escolar.

A manutenção das tradições como o respeito aos mais velhos, a escutar, o hábito cultural de dar a benção, são valores familiares que duas interlocutoras da pesquisa consideram importante preservar:

Eu falo com meus meninos tudo para respeitar ela [dona Enedina]. Quando vocês ver ela passar ai na rua pode correr e ir da benção ela, falo com eles direto. Gosto muito dela, meus filhos chamam de mãe Nedina, e chama minhas madrinhas de vizinha e da bênção. (Sabina, 2021).

Ela [dona Enedina] com meus meninos é tudo, muita consideração. Vixe, eu gosto muito de prosa mais ela (Marlene, 2021).

No entanto, ressalta que esses valores, como chamar a parteira de mãe e dar benção, vêm se perdendo. vó Enedina é carinhosamente chamada por alguns da comunidade de "mãe Nedina", porém são poucos que ainda preservam esse hábito cultural como forma de respeito, como discorre nesses relatos:

E nem é todas que tem consideração, eu vejo dizer tanto menino aqui que foi mãe Nedina que pegou e hoje em dia passa por ela não tem consideração. Hoje em dia, do jeito que as coisas tá, a gente imagina romper, se uma mulher tiver incomodada pra ganhar menino e você

romper pra pegar. Porque hoje em dia não são todas que agradecem não (Marlene, 2021)

Essas narrativas nos reafirmam o chamado para se pensar o papel da educação de crianças e jovens na valorização dos mais velhos e suas contribuições na formação da comunidade, práticas de cuidado na saúde. O respeito, escutar os nossos ancestrais é princípio educativo da educação quilombola. Esse relato nos faz um chamado para ressignificar o legado de nossos ancestrais.

Segundo Bueno (2008, p.5), citado por Rocha (2019, p. 97), é preciso ensinar às crianças, o respeito aos seus ancestrais e sua ancestralidade como traço construtivo que vai além da existência. As pessoas mais velhas como vó Enedina na estrutura social das comunidades exercem um papel importante como detentores de saberes e experiências e aprendizagens na vida cotidiana, sua presença representa a memória viva das comunidades. Além do exercício de parteira na comunidade, dona Enedina exercia benzeções contra quebranto, saberes também praticados por outros membros existente na estrutural social da comunidade. No entanto, esses demais membros também não vêm querendo exercer. Verbenia é uma dessas pessoas que detêm conhecimento sobre rezas e benzeções, e relata que a falta de respeito por parte de algumas famílias é um dos motivos que fazem com que ela e os demais membros da comunidade que detêm esses saberes não queira exercer mais. O seu relato expressa a preocupação com a descontinuidade desses saberes na comunidade:

As coisas agora são difíceis, se não correr pro médico, ou ir para curador. Tem mãe de menino que hoje em dia, depois que menino tá bom, passa pela gente não dá bom dia, não põe pra da benção. As mães que tiver seus filhos que não quietar em casa com essa quentura e menino passar mal, tem que sair pra fora que aqui não ta tendo.

Esse relato nos faz um chamado a refletir acerca a importância da educação quilombola, o papel social da família e da escola na formação de crianças e jovens para que os mesmos cresçam respeitando os valores e os anciãos das comunidades que carregam consigo os saberes ancestrais para na manutenção da vida e continuidade em nossos territórios. Conforme dito por Almeida (2021) os saberes e fazeres das rezas e benzeções, são saberes ancestrais deixados por várias gerações, precisam ser registrados a sabedoria desses sujeitos educadores precisa ser potencializada. Uma maneira de

potencializar e perpetuar a sabedoria ancestral que emerge em nossos territórios quilombolas, alimentar o currículo escolar.

Assim, é preciso valorizar existências e trajetórias, considerando os saberes como patrimônio a ser preservado. O papel importante que nos remete às ancestralidades, por exemplo, são os saberes das parteiras, benzedeiras e dimensões com as religiões africanas, entre outros conhecimentos, estão presentes na cultura das comunidades tradicionais.

As pessoas mais velhas são territórios de memórias orais nas comunidades quilombolas, a tradição oral é uma marca identitária dos conhecimento ancestrais, a escola precisa ver essas pessoas como referência de conhecimento no espaço educativo, de forma a contribuir para construção e fortalecimento da identidade cultural quilombolas das crianças e jovens e principalmente na manutenção da vida.

Corroborando com Rocha (2019), a escola pode e deve ser instrumento de transformação e representação dos saberes e conhecimentos, viabilizando que ela enquanto instituição social de ensino, dialogue com os conteúdos escolares com os saberes tradicionais comunitários, conhecimento que é pertencente da cultura quilombola afro-brasileira vivenciada no território das comunidades quilombolas.

Considerações ...

Tecemos este estudo, pois ele não se finda com essa publicação, os saberes ancestrais que compõe a trajetória de vó Enedina. Tais saberes apresentam-se como possibilidade rica de inserção que podem e devem contribuir significativamente na construção de um currículo escolar quilombola que reverbere uma pedagogia feminina ancestral quilombola, uma pedagogia que considere os conhecimentos ancestrais de mulheres quilombolas e se reconheçam como protagonistas da manutenção da vida nas comunidades. Trajetórias de vida como a de vó Enedina tem muito a ensinar aos currículos da educação escolar quilombola. Trazer sua trajetória, ensinar seus saberes e práticas como pilares da educação quilombola é pensar a educação decolonial, antirracista feminina que se opõem aos sistemas de opressores patriarcais.

A trajetória de vó Enedina, compõe princípios educativos para uma educação quilombola, uma educação que seja referenciada nos saberes que constitui a identidade cultural da comunidade, a aprender e ensinar inspirados nas histórias de vida, no protagonismo das mulheres, ancestralidade, memória coletiva. Desvelar, saberes, histórias e trajetórias como a de vó Enedina é um chamado e compromisso com a nossa

ancestralidade. Crianças e jovens precisam conhecer e valorizar o legado cultural de nossos ancestrais, a educação é o caminho que precisamos trilhar para conhecer e materializar essa riqueza cultural no chão das escolas quilombolas.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de Uma Única História**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia de Letras, 2019.

ALMEIDA, Carlídia Pereira de. **Saberes e fazeres quilombolas: rezas e bênçãos com uso de ramos nos quilombos Lagoa do Peixe e Nova Volta**. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Ensino das Relações Étnicas e Raciais. Universidade Federal do Sul da Bahia. Porto Seguro, 2020. Disponível em: <https://sig.ufsb.edu.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=605026&key=a2927502ba4fd99b75080a57b1dae87d>. Acesso em: jan.2021.

BAHIA, **Diretrizes Curriculares Estaduais para Educação Quilombola**. Salvador: Conselho Estadual de Educação, 2013.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2010.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

COSTA, Cristiane Nascimento Borges. **O CONHECIMENTO TRADICIONAL DAS PARTEIRAS: UM ESTUDO NA COMUNIDADE KALUNGA EMA, TERESINA – GO**. (Monografia)- Faculdade UNB de Planaltina, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/13172/1/2015_CristianedoNascimentoBorgesdaCosta.pdf. Acesso em 25 nov.2021.

CRESWELL, John W; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa**. 5º edição artimed, 2021.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana.. **Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em:

<http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/04/DINALVA-DE-JESUS-SANTANA-MAC%C3%8ADO.pdf>. Acesso em: jan.2021.

MAGALHÃES, Adma Bernardino, LIMA, Naita Aparecida Nunes. Saberes e práticas tradicionais de uma parteira, e líder espiritual do Quilombo Barreiro Grande. In: NEVES, Odair Ledo; CARVALHO, Romario Pereira; JESUS, Gidelmo Santos (orgs). *Trilhas da educação do Campo: teoria e prática*, Santo Ângelo, 2021.

ROCHA, Niel. **A educação Quilombola e a reprodução cultural afrodescendente**. Maringá: Viseu, 2019.

SANTOS, Amilton Pereira dos. **Pedagogia Quilombola como Possibilidade de transgressão Curricular**. Dissertação (Mestrado) - Educação das Relações Étnicas e Raciais, Universidade do sul da Bahia, Porto Seguro, 2019. disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/571252>. Acesso em: nov.2020.

SERAFIM, Olindina Cirilo Nascimento. **O Caminho do Quilombo Histórias não contada na Educação Escolar Quilombola: território sapê do Norte**. Curitiba: appris, 2020.

SILVA, Givania Maria. **Currículo Escolar: Identidade e Educação Quilombola**. Brasília, 2011. Disponível em <https://anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0213.pdf>. Acesso em: 28/03/2021

SILVA, Givania Maria. **Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do Território Quilombola de Conceição das Crioulas**. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12533/1/2012_GivaniaMariadaSilva.pdf. Acesso em: out.2020

SILVA, Givania Maria. **As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola e os desafios para sua efetivação**. In: MONTICHIARE, Renata; LAZARO, André (orgs). **Educação e práticas comunitárias: educação indígena, quilombola, do campo e das fronteiras nas regiões Norte e Nordeste do Brasil**. Brasília: Faculdade de Educação Latino Americana de Ciências Sociais, 2020.

SILVA, Givania Maria. **Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina**. In: DEALDINA, Selma dos santos (orgs.). **Mulheres Quilombolas: território de existência negra feminina**. São Paulo: Jandaíra, 2020. p.52-58..

SOUZA, Shirley Pimentel de. **Educação Escolar Quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular**. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de

educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em:
[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/21077/1/DISSERTA%
c3%87%c3%83O%20Shirley%20Pimentel%20de%20Souza.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/21077/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Shirley%20Pimentel%20de%20Souza.pdf). Acesso em: 20 Jul.2021

Recebido em: 10/10/2024
Publicado em 27/11/2024